

CLIPPING IMPRESSO

08/12/2019



INDICE

1. JORNAL EXTRA	
1.1. POSSE.....	1
2. JORNAL O IMPARCIAL	
2.1. ASSESSORIA.....	2
3. JORNAL PEQUENO	
3.1. ASSESSORIA.....	3
3.2. DESEMBARGADOR.....	4
3.3. INSTITUCIONAL.....	5

Presidente do TJ-MA empossa novo juiz substituto

O presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA), desembargador Joaquim Figueiredo, empossou, nesta sexta-feira (6), o juiz de Direito substituto, Humberto Alves Júnior.

Na solenidade de posse, o desembargador Joaquim Figueiredo destacou o esforço empreendido desde o início de sua gestão, para que fossem nomeados todos os novos juizes, mesmo com as limitações financeiras impostas pelo orçamento.

“Parabenizo o juiz Humberto Alves Júnior pela posse no cargo de juiz. Que Deus o abençoe no exercício da função de fazer Justiça”, assinalou o presidente do TJMA, destacando que jamais iria passar para a história de 206 anos do Tribunal de Justiça como sendo o presidente que deixara de nomear alguns juizes para o Poder Judiciário do Maranhão.

O presidente da Associação dos Magistrados do Mara-

nhão, juiz Angelo Santos, disse que mesmo num momento de dificuldade financeira no país, o desembargador Joaquim Figueiredo tem dado exemplo de eficiência administrativa empossando mais um juiz nos quadros do Poder Judiciário.

O juiz Humberto Alves Júnior falou da imensa satisfação em concretizar o sonho de tomar posse como magistrado. Ele agradeceu à sua família e os amigos que contribuíram das mais diversas formas para que alcançasse êxito na trajetória profissional.

“Tenho a consciência de que a data de hoje não representa um fim, mas sim, o começo de uma nova etapa na qual me dedicarei com todas as forças no desempenho da jurisdição, entendida como a função estatal que deve ir além da solução dos conflitos sociais, por ser uma função judicante ágil, apta e capaz de fazer Justiça, objetivando a pacificação social e o bem comum”, ressaltou.

Equatorial Maranhão promove Encontro com Comunicadores

A Equatorial Maranhão promoveu no último dia 28, no Armazém da Estrela – Centro, o Encontro com Comunicadores 2019, em São Luís. O evento já ocorre há 14 anos e reúne jornalistas, radialistas e profissionais da comunicação da cidade. O evento também é realizado nas praças de Imperatriz e da região dos cocais, para os profissionais de Timon, Caxias e Codó. Durante o evento os comunicadores puderam fazer uma degustação das novas ferramentas digitais da Equatorial Maranhão, além de fotos com a Clara, assistente virtual, que chegou para realizar atendimentos ágeis pelo WhatsApp, e oferecer aos clientes da Equatorial serviços essenciais na palma da mão.



Roberta Gomes e Orquídea Santos (TJ) com Itevaldo Jr.

Justiça & Cidadania

Antonio Carlos acarloslua@folha.com.br



O Brasil não amadureceu como democracia

O jornalismo tem a capacidade de fazer a crítica social como nenhuma ciência humana, apresentando fatos, verdades e potencialidades da sociedade. Ele é importante para levar as pessoas a pensar o Brasil, um país que nunca amadureceu nem como Nação nem como democracia, sendo algo que nunca se realiza, nunca termina, nunca se concretiza, criando, com isso, um ambiente de tensão, pesadelo e violência.

A crítica jornalística é importante para a compreensão política e social do Brasil, país racista que recalca continuamente o próprio racismo, com efeitos perversos, colocando-se na ponta de lança da vanguarda do retrocesso, diante dos paradigmas de violência sob o qual vive seus habitantes.

Essa realidade é retratada no jornalismo que, há séculos, relaciona – de forma híbrida e tensa – a política, a linguagem e a materialidade, para resgatar os fatos que marcam a realidade do país, a exemplo do livro-reportagem ‘Os Sertões’, do jornalista e escritor Euclides da Cunha, que até hoje continua fazendo perguntas ao Brasil e ao mundo.

A interpretação que Euclides da Cunha faz da identidade brasileira tornou-se verdadeiramente um clássico e, como tal, sofreu e sofre múltiplas interpretações. Obviamente, a cada nova interpretação, novas características de sua obra são posta em evidência.

No livro-reportagem ‘Os Sertões’, Euclides da Cunha funda uma compressão da realidade brasileira a partir da oposição entre litoral e interior. Para ele, dois tipos de mestiços existiam no país: o do litoral, que vivia sob uma “civilização de empréstimo” e, outro, do interior, que mesmo se afastando dos parâmetros tomados como certos pelo eurocentrismo científico do final do século XIX, apresentava o que mais faltava aos brasileiros do litoral: o vínculo à terra.

O sertanejo toma-se, antes de tudo, um forte, por estar harmonizado com o sertão, por defendê-lo na luta e não abandoná-lo na seca. Deste modo, além da oposição entre litoral e interior, Euclides da Cunha também manifesta o problema de interpretar o Brasil profundo a partir das lentes etnocêntricas do cientificismo de sua época. ‘Os Sertões’ é um livro-estuário, pois para a região sertaneja correram águas de diversos rios. Euclides da Cunha soube, com maestria, aglutinar esteticamente a contribuição de tão variados conhecimentos. É neste ponto que entra sua riqueza estilística e literária.

A obra de Euclides da Cunha pode ser entendida como uma resposta à questão sobre quem é o brasileiro. Pela lógica do jornalista e escritor, o sertão é o cume do interior do Brasil e a essência da Nação. Quando ele fala do jagunço, está falando, de alguma forma, de todos os habitantes do interior, dos lugares mais recônditos e inóspitos. Euclides da Cunha traz em sua obra a importância de se pensar naquela terra ignota.

Foi um homem do seu tempo e, nesse sentido, deve ser entendida a famosa referência que ele fez sobre a “força motriz da história”. Esta ideia remete a uma percepção universalista, racionalista, teleológica e ontologizada do tempo histórico. Remete à tradição iluminista, à crença da época que dizia que a História tinha um “H” maiúsculo, tinha um rumo único, etapas de desenvolvimento bem estabelecidas e universais.

O que Euclides da Cunha escreve, portanto, é em relação àquilo ele próprio pensava

antes viajar ao sertão para fazer a cobertura jornalísticas da Guerra de Canudos. Antes de viajar como repórter para acompanhar o conflito, ele dizia que Canudos era um movimento análogo à Revolta da Vendéia, grupo monárquico contrário à República proclamada na França, em 1879. Ele fez um paralelo entre os anti-republicanos franceses – “les chuan” – e os jagunços liderados pelo Conselheiro. Claro que esta aproximação é ilusória, mas ela revela a maneira como se pensava a República no Brasil e a própria História da Humanidade. Euclides da Cunha acreditava que se a França teve que passar pelo estágio de uma revolta anti-republicana, o Brasil teria de passar também pela mesma experiência histórica. Esta ideia alimentou a construção ideológica do movimento de Canudos com sendo o principal obstáculo à evolução civilizacional brasileira que, na época, era sinônimo de República. Passada a Guerra e depois de sua experiência no ‘front’ de batalha, Euclides da Cunha revê essa noção e faz no livro ‘Os Sertões um verdadeiro ‘*mea culpa*’ republicano.

O conceito de história, por sua vez, se relaciona à produção da memória social da Guerra dos Canudos, onde Euclides da Cunha tem papel importante, tanto que o seu livro se tornou uma referência obrigatória no assunto.

Em ‘Os Sertões’ Euclides da Cunha evidencia que as dualidades tradição/modernidade e objetividade/subjetividade não estão dissociadas na construção do discurso acerca da nacionalidade brasileira. Elas aparecem em dois planos: o individual e o coletivo. Ou seja, o do intelectual, do autor, e o do discurso sobre a Identidade Nacional. No primeiro, o individual, é fundamental perceber que Euclides da Cunha muda seu posicionamento político em relação à Guerra de Canudos, conforme ele vai se aproximando do local da Batalha e conhecendo de perto o sertanejo e o sertão.

Seu espanto pela força indômita do jagunço, pela beleza do sertão em época de chuvas, pela diferença radical entre aquelas paragens e o centro do país vai alterando gradualmente suas certezas. A subjetividade de Euclides da Cunha interfere, então, profundamente na certeza do intelectual que era. No meio do caminho entre Salvador e Monte Santo, ele se ajoelha e reza num povoado simples, ao lado dos sertanejos, prenhes daquela religiosidade simples e sincrética que lhe é própria.

Euclides da Cunha desnudou os limites da “objetividade” universal, e, portanto, do próprio conteúdo emancipatório da ciência. Quando afirmou que a Guerra de Canudos foi um crime, ele apontou para um problema epistemológico sério que só depois da Segunda Guerra Mundial o Ocidente começou a encarar.

Afinal, o genocídio de Canudos foi feita em nome do Progresso Nacional, contra rebeldes monárquicos inventados, onde os liderados por Antonio Conselheiro tiveram apenas o papel de bucha de canhão, pois foram construídos, na época, como os inimigos do país.

Euclides da Cunha contribuiu para o debate sobre os principais dilemas que envolvem a formação histórica do Brasil e até hoje nos leva a questionar como pensar o Brasil despido de preconceitos. Este ainda é o nosso desafio hoje e foi também o desafio de Euclides da Cunha, que fez de ‘Os Sertões’ uma obra matricial para pensarmos a cultura brasileira, inaugurando a percepção desta tensão epistemológica e cultural.

José Luiz Almeida

Desembargador do Tribunal de Justiça do Maranhão. Escreve para o Jornal Pequeno aos Domingos, quinzenalmente / jose.luiz.almeida@globo.com / www.joseluizalmeida.com



DIAS DE INTOLERÂNCIA

Desde muito jovem, tenho assistido - e participado como protagonista, muitas vezes, - aos mais diversos embates, nas mais diferentes frentes, pelos mais diversos motivos. Mas sempre mantendo o equilíbrio, sem agredir, sem abespinhar ninguém, conquanto defenda os meus pontos de vista sempre com muita ênfase, porque esse é o meu jeito de ser, de enfrentar as questões de maneira sempre muito enfática; sou intenso mesmo. E por já ter visto de tudo, posso dizer que nada mais me surpreende, embora me deixe estarelecido.

Não entendo, sinceramente, a razão do vale-tudo, das agressões gratuitas, usadas como argumentos heterodoxos e metajurídicos, sobretudo em ambientes nos quais se espera dos contendores o necessário equilíbrio, a indispensável sensatez e o inarredável respeito pelos que pensam de maneira diversa.

A realidade é que desse vale-tudo, das agressões desmedidas e desnecessárias resultam péssimos exemplos, sobretudo quando os contendores deveriam protagonizar atitudes sensatas. Logo, é preciso convir que qualquer forma de agressão é um péssimo exemplo, e não educa; antes, deseduca, pois, agressões, quaisquer que sejam, causam em cada um de nós um certo estupor, uma grave sensação de que alguma coisa está fora de ordem.

A intolerância dos homens públicos, daqueles de quem se espera atitudes equilibradas, é forçoso constatar, termina contaminando - o que é mais grave ainda - parcela significativa da sociedade, que passa a usar dos mesmos expedientes contra os que ousam pensar de modo diferente, o que pode ser comprovado nas redes sociais, onde os contrários travam uma verdadeira guerra, com muitas agressões, tendo a anteceder-las muita intolerância. Dessa forma, a intransigência - espanta que muitos não vejam - açula, em ambientes antes fraternais, os embates que, muitas vezes, levam à ruptura das relações. E assim, movidos pelos embates, pela falta de cortesia, pelas atitudes desabridas de muitos, fruto da intolerância que permeia a nossa vida, não são poucos os que veem como inimigos aqueles que pensam de modo diferente.

A verdade é que os contendores que não se impõem limites, deixam entrever que, na tentativa de sobrepujar aquele que elegeu como inimigo, não vale perder pela força dos argumentos; tudo o mais vale, segundo tenho testemunhado em diversos ambientes onde a pluralidade de pensamento deveria ser vista como algo natural.

Ganhar, vencer, sobrepujar aquele que se elegeu como adversário, de qualquer maneira, de toda sorte, é o comando, é o que move o contendor mais aguerrido. Os meios? Isso pouco importa. As consequências? Irrelevantes. O interesse público? É questão secundária.

Tudo faz crer, enfim, que as descortesias, os ataques, as agressões verbais, a falta de respeito e a desconsideração em face do semelhante são movidos por um único e prevalecente sentimento, qual seja o de entender que importante mesmo é assumir com a pose de vencedor da contenda, ainda

que em detrimento de outros valores mais importantes.

Nesse afã, não há espaço para tolerância, para a concórdia, para fraternidade, uma vez que a tolerância, nesse ambiente, é confundida com covardia. Nesse cenário, pensam os contendores, é preciso agir sempre e reagir sem enleio, sem titubeio, com a necessária agressividade; se preciso, com armas mais contundentes, com ataques mais letais, ainda que a ofensa se dirija à honra e à dignidade do desafeto.

Para ilustrar e para deixar claro que, mesmo em nações que julgamos civilizadas, a intolerância, as agressões gratuitas, os ataques pessoais contra os que pensam diferente permeiam as relações - sobretudo quando o afã é desprestigiar o antagonista -, trago um exemplo que apanhei no best-seller **Como as Democracias Morrem, de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt**.

Narram os autores que, em 2008, Barack Obama, na noite de sua eleição, com a sua família reunida num palco em Chicago, se congratulou com McCain por sua carreira heroica de contribuições à nação, num gesto de tolerância quase incomum.

McCain, mais cedo, em Phoenix, Arizona, tinha feito um discurso cortês de reconhecimento da vitória de Obama, a quem descreveu como um homem bom que amava o seu país, e lhe desejou uma boa jornada, num exemplo clássico de reconciliação pós-eleição. Tudo parecia levar ao caminho da civilidade.

Todavia, segundo os autores, havia algo errado no Arizona, pois, tão logo McCain mencionou Obama, a multidão vaiou aos berros, forçando o senador do Arizona a acalmá-la, numa situação típica de intolerância, a evidenciar que o apelo à conciliação de McCain não resistiu aos arroubos de insensatez.

A partir daí, Obama, a reafirmar o óbvio, passou a ser questionado na sua legitimidade, a ser submetido a uma oposição mais do que pernicioso. Ante situações que tais tenho dito que, em vez do jogo sujo, desleal e sorrateiro, permeado de agressões desnecessárias, conflagrando os ambientes nos quais se espera ponderação e equilíbrio, com posições radicalizadas, as pessoas deveriam ter uma atitude de grandeza, apostando na concórdia e na temperança.

Claro, reconheço, é uma utopia esperar gestos de grandeza de determinadas pessoas, sobretudo daquelas que não têm espírito público, cujo centro do universo é seu próprio umbigo.

Mas não se deve apostar na distopia, nas ações disruptivas que não edificam; que, antes, fazem sucumbir valores que nos são caros, como a paz e a fraternidade.

O arrivismo, as diatribes, as más condutas, o jogo baixo, a intolerância e o estímulo à discórdia não constroem; antes, introjetam em todos o grave sentimento do confronto.

É isso.

DIA DA JUSTIÇA

O glorioso **Dia da Justiça**, comemorado em 8 de dezembro, deixa margem para comemorações e reflexões. Nesta data, é fundamental destacar o importante papel do **Poder Judiciário do Maranhão na manutenção do Estado Democrático de Direito** e na consolidação dos princípios e valores da cidadania.

O espírito de comemoração da **família judiciária** se traduz também nas propostas modernizantes do **Tribunal de Justiça do Maranhão**, visando acelerar os feitos judiciais e garantir uma infraestrutura física capaz de atender, de forma adequada, os jurisdicionados e os operadores do Direito.

Com esse compromisso, o **Poder Judiciário do Maranhão** vem sendo um exemplo no país. Unindo forças, empenho e criatividade, a Instituição vem reafirmando as tradições democráticas e os valores sociais, com lutas de grandeza, para manter viva a chama da Justiça.



Desembargador Joaquim Figueiredo
Presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão



Poder Judiciário do Maranhão
Tribunal de Justiça



ASSOCIETIMA 2019

www.tjma.jus.br

RADIOWEB

Facebook Twitter Instagram /tjmaoficial